

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A Percepção da Perpetuação dos Estilos Parentais, o Coping Religioso e as Memórias de Infância.

Sara Raquel Rosa Ramos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A Percepção da Perpetuação dos Estilos Parentais, o Coping Religioso e as Memórias de Infância.

Sara Raquel Rosa Ramos

Orientador: Professor Doutor João Manuel Rosado de Miranda Justo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2019

AGRADECIMENTOS

Quero começar por agradecer ao meu Orientador, o Professor Doutor João Manuel Rosado de Miranda Justo pela ajuda e apoio incansável, sem os quais não seria possível, de todo, a construção de este projeto.

Quero agradecer à minha querida mãe, porque sempre me estimulou a continuar mesmo quando achei que não era capaz. Foi um apoio incondicional e sem ela não teria sido capaz de concluir esta fase tão importante da minha vida.

Quero agradecer ao meu pai por me ter, em conjunto com a minha mãe, proporcionado a possibilidade de chegar até aqui, e pelo apoio.

Também quero agradecer à minha tia, Dr^a Ana Paula Ricardo Valente, que amparou as minhas frustrações e as minhas dúvidas, esteve sempre do meu lado nos momentos mais difíceis do curso, e à qual agradeço e devo muito do que sei. Uma psicóloga fantástica, uma tia ainda melhor.

Quero agradecer ao resto da minha família e amigos pelo apoio e carinho ao longo de todo este percurso.

Agradeço, especialmente, à Zita Dias, a querida minha amiga e fonte de sabedoria, e ao Alexandre Dias, o querido meu amigo e pastor, que são individualmente um apoio e fonte de força, energia, resistência e determinação, e como casal, um exemplo a seguir e referência para mim.

Agradeço ao meu companheiro, Jorge Cortez, por estar sempre do meu lado, por me amparar, me relembrar quem sou e do que sou capaz sempre que duvido de mim própria e me completar.

A Deus, o meu Pai querido, que me mostra vezes sem conta que sozinha nada posso, mas com Ele não há impossíveis.

“Alegram-se na esperança de tudo aquilo que Deus tem planeado para vocês. Sejam pacientes nas dificuldades, orando a Deus de forma constante.”

Romanos 12:12

“Nós somos salvos em esperança. Quando se está a ver aquilo que se espera isso não é esperança, pois que esperança existe em estar já a ver aquilo que se espera? Mas quando esperamos o que ainda não vemos, esperamos-lo com paciência.”

Romanos 8:24-25

“Sendo, pois, declarados justos pela fé, temos paz com Deus, por causa daquilo que o nosso Senhor Jesus Cristo fez por nós. Pois em razão da nossa fé, temos direito a esta graça, e em confiança nos regozijamos pelo dia em que partilharemos da glória de Deus.”

Romanos 5:1-2

“Porque estás abatida, minha alma?
Porque ficas perturbada?
Confia em Deus, pois ainda o louvarei.
Ele é a minha salvação! Ele é o meu Deus!”

Salmos 42:11

RESUMO

A família é a unidade de reprodução social e principal instituição socializadora. As relações entre gerações estão vinculadas à experiência dos adultos e à forma como esta ordena a existência, gerando rutura e continuidade entre as gerações (Romanelli, 1998).

O coping religioso é uma forma de lidar com o *stress*, na qual o indivíduo se volta para a religião (Pargament, 1997, cit. por Panzini & Bandeira, 2005). Para o crente, a religião e a espiritualidade são formas de vida que são procuradas, cuidadas e sustentadas consistentemente.

Assim, propomo-nos elucidar o papel das *Memórias de Infância* relativamente à *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*, investigar se os *Estados Emocionais* são ou não importantes face à *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais* e averiguar a complementaridade entre o *Coping Religioso* e a *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*.

Através da aplicação da EADS, do EMBU, do EMBU-P, do PBI e da RCOPE, foi possível a recolha de dados, com posterior análise estatística recorrendo a regressões lineares. Na nossa amostra, os estilos emocionais não são úteis para explicar a percepção da perpetuação dos estilos parentais, nem o são as memórias de infância de tipo *negligente*. Na relação do indivíduo com a figura de vinculação materna, o importante é o *cuidado* e na relação do indivíduo com a figura paterna, esta parece ser de importância através do *controlo* que exerce e através da presença ou ausência de afeto nessa relação de controlo.

Na relação do indivíduo com a figura materna, as estratégias de espera passiva por Deus para que Ele controle a situação stressora e as estratégias de busca na religião e espiritualidade por uma mudança de perspetiva, direção e de redefinição da mesma situação são úteis para explicar a variância da percepção de perpetuação absoluta dos estilos parentais.

Existem outros fatores do coping religioso úteis para explicar a percepção da perpetuação dos estilos parentais quando são observadas duas escalas do EMBU e EMBU-P em simultâneo e quando se observa cada uma individualmente.

Em conclusão, a análise das relações entre gerações, das memórias de infância e do coping religioso em famílias específicas é um recurso para se examinar as práticas parentais e como as mesmas se perpetuam de uma geração para a seguinte.

Palavras-Chave: Percepção da Perpetuação dos Estilos Parentais, Memórias de Infância, Estados Emocionais, Coping Religioso.

ABSTRACT

The family is the unit of social reproduction and it is the main socializing institution. Relations between generations are linked to the experience of adults and how it orders existence, generating rupture and continuity between generations (Romanelli, 1998).

Religious coping is a way of dealing with *stress*, in which the individual turns to religion (Pargament, 1997, cit. by Panzini & Bandeira, 2005). For the believer, religion and spirituality are life forms that are consistently sought, cared for and sustained.

Thus, we propose to elucidate the role of *childhood memories* regarding the perception of perpetuation of parenting styles, to investigate whether or not *emotional states* are important in relation to the perception of perpetuation of parenting styles and to investigate the complementarity between *religious coping* and the perception of perpetuation of parenting styles.

Through the application of EADS, EMBU, EMBU-P, PBI and RCOPE, it was possible to collect data with subsequent statistical analysis using linear regressions. In our sample, *emotional states* are not helpful in explaining the perception of perpetuation of parenting styles, nor is the style of *negligent* childhood memories. In the relationship of the individual with the maternal figure of attachment, what is important is the *care* and in the relationship of the individual with the paternal figure, it seems to be of importance through the *control* that is exerted and the presence or absence of affection in this relationship of control.

In the individual's relationship with the maternal figure, strategies of waiting in a passive way for God to control the stressful situation and strategies of seeking in religion and spirituality a change of perspective, direction, and redefinition of the same stressful situation are useful for explaining the variance in the perception of absolute perpetuation of parenting styles. There are other factors of religious coping useful for explaining the perception of perpetuation of parenting styles when two EMBU and EMBU-P scales are observed simultaneously and when they are observed individually.

In conclusion, the analysis of intergenerational relationships, childhood memories, and religious coping in specific families is a resource for examining parenting styles and how they perpetuate themselves from one generation to the next.

Keywords: Perception of Parental Styles Perpetuation, Childhood Memories, Emotional States, Religious Coping.

ÍNDICE

1. REVISÃO DE LITERATURA.....	1
1.1. PARENTALIDADE, PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS E VINCULAÇÃO	2
1.2. MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ESTADOS EMOCIONAIS	5
1.3. FATORES FAMILIARES E RELIGIOSOS AO LONGO DA EVOLUÇÃO SOCIAL.....	8
1.3.1. COPING RELIGIOSO	9
1.4. OBJETIVOS E HIPÓTESES GERAIS	13
2. METODOLOGIA	15
2.1. DEFINIÇÃO DE VARIÁVEIS	15
2.2. INSTRUMENTOS	15
2.2.1. Questionário Sociodemográfico e Clínico	15
2.2.2. EADS	15
2.2.3. EMBU	16
2.2.4. EMBU-P.....	17
2.2.5. PBI	18
2.2.6. RCOPE.....	19
2.3. PROCEDIMENTO	20
2.4. CONVERSÃO DAS ESCALAS.....	21
2.5. PARTICIPANTES.....	22
3. RESULTADOS	25
3.1. TESTAGEM DAS HIPÓTESES ESPECÍFICAS.....	25
3.1.1. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 1.....	25
3.1.2. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 2.....	26
3.1.3. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 3.....	26
3.1.4. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 4.....	27
3.1.5. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 5.....	27
3.1.6. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 6.....	27
3.1.7. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 7.....	27
3.1.8. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 8.....	28
4- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo 1- Folha de Informação ao Participante
- Anexo 2- Consentimento Informado
- Anexo 3- Pedido de Utilização da EADS
- Anexo 4- Autorização de Utilização da EADS
- Anexo 5- Pedido de Utilização do PBI
- Anexo 6- Autorização de Utilização do PBI
- Anexo 7- Pedido de Utilização do EMBU e EMBU-P
- Anexo 8- Autorização de Utilização do EMBU e EMBU-P
- Anexo 9- Pedido de Utilização do RCOPE
- Anexo 10- Autorização de Utilização do RCOPE
- Anexo 11- Questionário Sociodemográfico e Clínico
- Anexo 12- EADS
- Anexo 13- PBI
- Anexo 14- EMBU
- Anexo 15- EMBU-P
- Anexo 16- RCOPE
- Anexo 17- Documento de Autorização Dirigido ao Líder da Igreja
- Anexo 18- Estatística Descritiva
- Anexo 19- Análises de Consistência Interna
- Anexo 20- Regressões Lineares

1. REVISÃO DE LITERATURA

As relações entre gerações constituem um dos meios pelos quais as sociedades se reproduzem ao transmitirem aos imaturos, orientações culturais básicas para a participação na vida social. A experiência e o conhecimento dos adultos são transmitidos à nova geração mediante o processo socializador que se concretiza de dois modos. De um lado, esse processo ocorre na convivência direta na família, na escola, no grupo de pares, nas igrejas e em outras instâncias. De outro lado, a ação socializadora realiza-se de modo indireto pela mediação simbólica de agentes de diferentes instituições que disseminam valores, normas e modelos culturais (Romanelli, 1998).

Através dessas duas modalidades de ação socializadora, a geração jovem tem acesso ao patrimônio cultural dos adultos, incorporando-o e repondo-o, podendo nele introduzir novos elementos provenientes das suas múltiplas experiências, sobretudo em sociedades que se transformam com rapidez (Romanelli, 1998).

As relações entre gerações estão vinculadas ao modo pelo qual a experiência estratificada dos adultos configura um modo de ordenar a existência, gerando rutura e continuidade entre as gerações. A continuidade, essencial para a reprodução da sociedade, depende do diálogo entre jovens e adultos que pode ser sedimentado por um patrimônio de experiências e de valores em parte comuns e, em parte, distintos. Ao mesmo tempo, a intrusão de novas formas de sociabilidade e de modelos culturais alternativos cria rutura entre as gerações. É na singularidade do diálogo estabelecido entre sujeitos com experiências distintas que se localiza o núcleo crítico do problema das gerações e do conflito entre elas (Foracchi, 1972, cit. por Romanelli, 1998). A existência do confronto significa que as relações intergeracionais não são mera atualização de estruturas dadas mas abrem caminho para alterações, cujo alcance e extensão dependem da forma de questionamento que elas suscitam entre jovens e adultos e das soluções propostas.

A família é a unidade de reprodução social e principal instituição socializadora, além de se constituir como grupo mediador entre público e privado e entre interesse coletivo da unidade doméstica e pretensões individualizadas dos seus componentes (Romanelli, 1998).

Darling e Steinberg (1993, cit. por Benetti, & Balbinotti, 2003, p. 103-104) discriminam três aspectos específicos nas relações entre pais e filhos: “os objetivos e valores familiares que orientam os pais no processo de socialização da criança; as práticas parentais efetivamente utilizadas pelos pais para educar a criança; e o estilo parental ou clima emocional no qual a socialização acontece. Mais precisamente, os objetivos e valores (crenças) que orientam os pais afetariam as práticas parentais (comportamento) e o estilo parental (clima emocional), indicando uma distinção entre a prática e o estilo parental”.

Assim, a noção de que o processo de socialização da criança é resultado da interação de diversos níveis ou fatores reflete-se na necessidade de as investigações adotarem abordagens multidimensionais do contexto familiar (Benetti, & Balbinotti, 2003, p. 104).

1.1. PARENTALIDADE, PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS E VINCULAÇÃO

Segundo Kobarg, Vieira e Vieira em 2010, as práticas educativas parentais podem ser entendidas como conjuntos de comportamentos de pais e mães no processo de socialização dos filhos e “estão associadas a diversos indicadores de desenvolvimento psicológico e comportamental na infância, adolescência e na idade adulta, tais como autoestima, depressão, ansiedade, desempenho acadêmico, competência interpessoal e comportamentos agressivos” (p.77).

Existem duas dimensões principais acerca da atitude parental no processo de socialização da criança, avaliada pelos instrumentos da área. São elas as atitudes frente à disciplina e controlo (Superproteção/Controlo) e atitudes relativas ao afeto (Cuidado), que refletem os constructos apoio emocional vs. hostilidade/coerção (Lovejoy, Weis, O’Hare, & Rubin, 1999, cit. por Teodoro, Benetti, Schwartz, & Mônego, 2010).

Para educar os seus filhos, os pais aplicam técnicas coercivas, baseadas em punições, privações de afeto e castigos, e técnicas indutivas, tais como o uso de explicações e alteração da situação ambiental (Pacheco, 2004, cit. por Fritz, 2012).

Quando recorrem à técnica coerciva, os pais impõem à criança uma mudança de comportamento, tendo como objetivo que a mesma proceda de maneira adequada. A adoção da técnica indutiva reflete-se na orientação por parte dos pais, de como deve ser o comportamento dos seus filhos e das consequências dos seus atos. Estas técnicas têm, como fim, o desenvolvimento das crianças e que estas se tornem adultos independentes (Pacheco, 2004, cit. por Fritz, 2012).

Baumrind (1966) propôs um modelo de classificação das práticas educativas parentais segundo os três tipos de controlo: Permissivo, Autoritário e Autoritativo. Cada estilo define um tipo de relação entre pais e crianças.

Esta definição foi posteriormente reformulada por Maccoby e Martin (1983) que subdividiram o estilo parental *permissivo* em *indulgente* e *negligente*. Desta forma, o estudo dos Estilos Parentais divide as relações entre pais e filhos em quatro tipos básicos: *autoritativo*, *autoritário*, *indulgente* e *negligente*.

Os pais *autoritativos* apresentam regras e limites mas, também, muito afeto e envolvimento. Aqueles tentam direcionar as atividades da criança de forma racional e orientada para a questão, compartilhando com a criança o raciocínio por detrás da política aplicada e solicitando as suas objeções quando esta se recusa a conformar-se. Valorizam a vontade própria autônoma, bem como a conformidade disciplinada e, desta forma, exercem um controle firme em questões de divergência entre eles e a criança mas não a limitam com restrições. Afirmam as qualidades presentes da criança mas, também, estabelecem padrões de conduta futura. Usam a razão, o poder, a modelagem e o reforço para alcançar os seus objetivos e não baseiam as suas decisões no consenso do grupo ou nos desejos individuais da criança. As crianças cujos pais são definidos como autoritativos são classificadas como mais competentes (Baumrind, 1966).

Relativamente ao estilo parental *autoritário*, este é definido por uma elevada exigência e uma inexistência de responsividade, caracterizando-se por um baixo nível de apoio e atenção emocional. São apresentadas muitas regras e limites mas pouca afetividade e envolvimento. É valorizada a obediência como uma virtude e são favorecidas as medidas punitivas para conter a vontade própria em situações onde as ações ou crenças da criança entram em conflito com o que os pais pensam ser a conduta correta (Baumrind, 1966).

Tendencialmente, as crianças que crescem num ambiente com este tipo de práticas não apresentam problemas de comportamento, sendo geralmente crianças e adolescentes quietos e passivos. No entanto, se a coerção dos pais for muito forte, podem mostrar hostilidade e agressividade perante figuras de autoridade. Apresentam piores desempenhos em habilidades sociais, humor instável, pouca amabilidade, baixa autoestima e altos níveis de depressão (Darling, 1999, cit. por Vierzzer, Webber & Bradenburg, 2003).

Outro efeito encontrado neste estilo parental é a transmissão do mesmo para os filhos. As filhas educadas por mães autoritárias tendem a adotar esse mesmo estilo parental com seus próprios filhos (Oliveira e cols., 2002, cit. por Vierzzer, Webber & Bradenburg, 2003).

Os pais *permissivos* (indulgentes) são responsivos mas não são exigentes, apresentando elevados níveis de afetividade e envolvimento além de poucas regras e limites, existindo desta forma pouca estrutura positiva. São pais centrados no filho. A ausência de regras e limites leva a que estas crianças sejam mais propensas a problemas de comportamento e apresentam um maior risco de problemas de abusos de substâncias (Vierzzer, Webber & Bradenburg, 2003) e têm, tendencialmente, pior desempenho na escola. No entanto, podem ter boa autoestima, boas habilidades sociais e baixos níveis de depressão (Darling, 1999, cit. por Vierzzer, Webber & Bradenburg, 2003).

Os pais *negligentes* são definidos como não exigentes nem responsivos, apresentando pouco afeto, envolvimento e poucas regras e limites. São pais pouco presentes na vida dos filhos e sem tolerância. Os filhos de pais negligentes são os que apresentam pior performance em todas as áreas; podendo ter um desenvolvimento mais lento, problemas afetivos e comportamentais. De acordo com os dados das investigações, este Estilo Parental correlaciona-se com uso de drogas e álcool, com doenças sexualmente transmissíveis, com início precoce da vida sexual, baixa autoestima e autoeficácia, com maior probabilidade de depressão, stress, estilo explicativo pessimista, baixo Desempenho Académico, baixas habilidades sociais e futuro comportamento antissocial (Kerka, 2000; Darling, 1999; Quintin, 2001, cit. por Viezzer, Webber & Bradenburg, 2003).

Nos estudos revistos, as práticas disciplinares não-empáticas, punitivas, hostis, arrogantes são claramente associadas aos distúrbios cognitivos e emocionais na criança, incluindo a retirada hostil, o acting-out hostil, a dependência, as perturbações de personalidade, o nervosismo e a eficiência reduzida na sala de aula (Baumrind, 1966).

A punição leve pode trazer algum tipo de benefícios, tais como o restabelecimento breve do envolvimento afetivo de ambos os lados após a libertação emocional, a diminuição das reações de culpa à transgressão e a maior capacidade da criança para suportar a punição com vista a um fim desejado (Baumrind, 1966).

A punição severa, inconveniente, injusta e aplicada por um progenitor não amoroso é prejudicial e ineficaz. Uma punição justa e leve, aplicada por um progenitor amoroso e respeitado pode ser uma punição sem quaisquer efeitos negativos (Baumrind, 1966).

A punição, ao contrário do que se acredita atualmente, pode ser bastante eficaz para ajudar a alcançar objetivos específicos. Segundo Solomon (1964) e Walters, Parke e Cane (1965), citados por Baumrind (1966), a punição suprime respostas inaceitáveis, mesmo quando essas respostas não são completamente eliminadas, requerendo um reforço contínuo. Por vezes, não existe o desejo de eliminar uma resposta por completo, apenas de a suprimir em alguns lugares ou momentos específicos. Deste modo, os pais encontram-se dispostos a continuar o processo de estimulação aversiva, enquanto for necessário para atingir tais objetivos.

Tendo em conta o que foi abordado anteriormente, a análise das relações entre gerações em famílias específicas é um recurso para se examinar as práticas parentais e como as mesmas se perpetuam de uma geração para a seguinte.

1.2. MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ESTADOS EMOCIONAIS

Parker e colaboradores (1979, cit. por Teodoro et al., 2010) investigaram, através do PBI, dois elementos associados à percepção da relação com os pais: o *Cuidado* – caracterizado por carinho e afeto, num extremo e por rejeição e frieza, no outro –, e a *Superproteção/Controlo* – que exprime a intensidade da vigilância dos pais, num extremo, e a promoção de autonomia, no outro. Ao avaliar estas dimensões, é permitida a identificação do vínculo parental, incluindo-se situações que vão desde o cuidado ótimo à negligência.

No primeiro estudo com o PBI, os investigadores obtiveram uma correlação negativa entre os fatores de *Cuidado* e *Superproteção/Controlo*, o que indica que eles não são independentes. Todavia, noutros estudos, não foi identificada esta associação, uma vez que foi obtida uma menor consistência no fator *Superproteção/Controlo*. Assim, foi sugerida uma solução de três fatores, o fator *Superproteção/Controlo* representaria duas dimensões, uma relacionada com o encorajamento e promoção de autonomia e outra definida como controlo intrusivo (Chambers & cols., 2000, cit. por Teodoro et al., 2010).

As características das relações parentais relacionam-se não só com a percepção mas, também, com o cuidado real experimentado ao longo do desenvolvimento. No geral, as investigações indicam que as mães são figuras que exercem mais *Cuidado* e *Controlo* que os pais tanto para os filhos quanto para as filhas e que as características de alto Controlo e baixo Cuidado estão frequentemente associadas entre si (Mellis & cols., 2001; Mohra & cols., 1999, cit. por Teodoro et al., 2010).

A dimensão com maior consistência na associação a perturbações mentais foi a de baixo *Cuidado* parental, tanto em mulheres como em homens. Os resultados maternos associaram-se a treze diagnósticos de perturbação mental mas somente nos homens os scores paternos se associaram à presença de agorafobia. Adicionalmente, para comportamentos externalizantes nos homens (tais como abuso de substâncias e personalidade antissocial), a dimensão *Superproteção/Controlo* Paterno ajudou a reduzir o risco da presença destas perturbações.

Segundo Ainsworth (1994, p. 38, cit. por Canavarro, 1999), a ligação emocional é relativamente duradoura e o outro apresenta um papel importante como indivíduo único, insubstituível. Tem como características o desejo de conservar a proximidade do outro, a união é percebida como agradável e a ausência, quando é inexplicável, pode provocar stress e a perda permanente é percebida como dolorosa. Ainsworth (1994, cit. por Canavarro, 1999) considera a vinculação como sendo um tipo específico de ligação afetiva.

Ao longo dos tempos, as relações entre as dimensões afetivas negativas, *ansiedade* e *depressão* têm sido consideradas importantes tanto do ponto de vista teórico como da saúde mental e, por isso, constituem dimensões clássicas na psicologia e na psicopatologia. A *ansiedade* costuma estar estreitamente associada aos sintomas de depressão. Estes construtos são considerados independentes mas é reconhecida a sobreposição entre a *ansiedade* e *depressão* tanto do ponto de vista da saúde mental como do ponto de vista estatístico (Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004).

A *ansiedade* pode ser definida como a produção de respostas de fuga e evitamento com vista a eliminação de estímulos aversivos bem como de respostas repetitivas que adiam o estímulo. Estes comportamentos de fuga e evitamento implicam um elevado grau de sofrimento e ocupam bastante tempo no dia-a-dia das pessoas, impedindo a realização das atividades sociais, académicas e profissionais (Zamignani & Banaco, 2005, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016).

Existem algumas situações nas quais a *ansiedade* pode funcionar como um sinal de alarme e cooperar para a preservação da vida, atuando como um estímulo para a realização de comportamentos no sentido de confrontar as situações que levam a esse estado ansioso. No entanto, as manifestações comportamentais de *ansiedade* podem surgir sem motivo específico, funcionando num nível desproporcional à situação que a desencadeou, apresentando-se como uma resposta inadequada aos eventos stressores. Nestes casos, a *ansiedade* é caracterizada como patológica (Correia & Linhares, 2007, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016).

Para avaliar os níveis de *ansiedade*, é necessário distinguir-se dois fatores, a *ansiedade*-traço e a *ansiedade*-estado. Segundo Cury e Menezes (2006, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016, p.36), a *ansiedade*-traço “remete a uma característica estável do indivíduo, representando o modo como ele tende a reagir diante de situações estressantes ou conflituosas” e a *ansiedade*-estado “representa uma condição emocional transitória caracterizada pelo aumento subjetivo da tensão em função de eventos considerados potencialmente críticos”.

A *depressão* é descrita como a redução de comportamentos reforçados positivamente, o aumento de comportamentos de fuga e evitamento de estímulos aversivos que acontece na interação do indivíduo com o seu ambiente (Ferster, Culbertson, Boren & Perrot, 1977, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016).

Num artigo de revisão da literatura, Correia e Linhares (2007) verificaram que “a *ansiedade* e a *depressão* materna podem afetar o desenvolvimento infantil, uma vez que a criança está exposta ao sofrimento dos pais” (Nogueira & Rodrigues, 2016, p.37). Mais ainda, verificou-se que as mães são mais vulneráveis que os pais, apresentam maiores níveis de *ansiedade*, comprovando a ideia

de que há uma maior probabilidade de as mulheres apresentarem alterações na saúde mental pelas mudanças decorrentes da gravidez, parto e cuidados com o bebê.

O *stress* pode ser definido como “uma expressão da reação de um organismo frente a situações difíceis ou excitantes, sendo essas provocadoras de alterações psicológicas, físicas e químicas, influenciando os comportamentos dos indivíduos” (Gomes & Bosa, 2004, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016, p.37). O *stress*, também, pode ser descrito como uma variação na relação do indivíduo com o ambiente, por consequência de alterações ambientais aversivas que levam a uma alteração comportamental. Se o sujeito não apresentar respostas comportamentais adaptativas, o *stress* pode agravar-se (Banaco, 2005, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016).

Selye (1956, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016) identificou as três fases do *stress*. A primeira, a *fase de alerta*, referente ao desequilíbrio homeostático, ocorre quando a pessoa se confronta com um stressor que a leva a preparar-se para um estado de “luta ou fuga”. É uma reação benéfica na medida em que prepara a pessoa para agir em situações de urgência. A *fase de resistência*, surge se a fase de alerta persistir e houver longa duração ou intensidade do stressor, o que leva o indivíduo a utilizar as suas reservas de energia adaptativa, para voltar ao reequilíbrio. Nesta fase, se a reserva de energia adaptativa for suficiente, ela pode recuperar e o processo de stress termina. Finalmente, a *fase de exaustão* ocorre quando o indivíduo se encontra esgotado pelo grande consumo de energia ao tentar reestabelecer o equilíbrio homeostático. Esta fase ocorre quando a sua resistência não foi suficiente para lidar com o stressor ou se houver a presença de outros stressores simultaneamente (Camelo & Angerami, 2004; Goulart Jr. & Lipp, 2008, cit. por Nogueira & Rodrigues, 2016).

O *stress* parental influencia as práticas educativas dos pais, de tal modo que os seus comportamentos podem promover e aumentar a frequência de comportamentos inadequados da criança (Kazdin & Whitley, 2003).

Segundo Clark e Watson (1991, cit. por Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004), os sintomas de *ansiedade* e *depressão* agrupam-se em três estruturas básicas, correspondendo a um modelo tripartido. Assim, o *distress* ou *afeto negativo* caracteriza a primeira estrutura e inclui sintomas inespecíficos tais como humor deprimido ou ansioso, insónias, desconforto ou insatisfação, irritabilidade e dificuldade de concentração e são experimentados tanto por indivíduos deprimidos como ansiosos. Estes sintomas são responsáveis pela forte associação entre as medidas de ansiedade e depressão.

As outras duas estruturas são constituídas pela *ansiedade* e pela *depressão*, sendo a tensão somática e hiperatividade específicas da ansiedade e a anedonia e ausência de afeto positivo específicas da depressão.

1.3. FATORES FAMILIARES E RELIGIOSOS AO LONGO DA EVOLUÇÃO SOCIAL

O conceito de família tradicional no qual se valorizava a comunidade e a transmissão da linhagem, da herança, de conhecimentos de geração em geração e se focava na sobrevivência do grupo alargado, já não faz parte da nossa época. A evolução social tem influenciado o conceito de família, podendo identificar-se diferenças tanto ao nível das funções desta enquanto sistema, bem como do papel e tarefas associadas a cada membro do grupo. O indivíduo enquanto persona, existia apenas no grupo, não apresentando individualidade e cumpria as regras que lhe eram impostas pela hierarquia existente, caso contrário era excluído do grupo (Ariés, 1986; Shorter, 1977; cit. por Bayle & Martinet, 2008).

A imagem social até ao século XVI baseava-se na importância que o ofício tinha na vida do homem. Durante muito tempo, o ofício era tido como a atividade principal do quotidiano das pessoas. “A importância dada ao ofício na iconografia medieval é um sinal do valor sentimental que as pessoas lhe atribuíam. Era como se a vida privada de um homem fosse antes de mais nada seu ofício” (Ariés, 1986). Posteriormente, vemos a mulher dona de casa aparecer na iconografia e, quanto mais se avança no tempo, mais é frequente ver a família representada participando no trabalho e nos jogos. O homem já não aparece sozinho e o casal já não é mais o imaginário de amor cortês. “A mulher e a família participam do trabalho e vivem perto do homem, na sala ou nos campos. Não se trata propriamente de cenas de família: as crianças ainda estão ausentes no século XV” (Ariés, 1986). Os jogos, que ganharam uma grande importância e lugar na arte não eram apenas diversões mas uma forma de participar na comunidade: “jogava-se em família, entre vizinhos, entre classes de idade, entre paróquias” (Ariés, 1986).

A partir do século XVI, a criança entra em cena, aparecendo com frequência na iconografia deste século e liga-se à necessidade antes desconhecida de intimidade, de vida familiar. Nesta altura, surge uma nova noção que simboliza a duração da vida através da hierarquia da família. Surge o tema do parto e o tema da morte no quarto e esta representação corresponde a uma tendência que volta à intimidade da vida privada. A vida privada que fora ignorada na Idade Média, volta a invadir a iconografia, no século XVI e no século XVII. “Essa farta ilustração da vida privada poderia ser classificada em dois grupos: o do namoro e da farra à margem da vida social, no mundo suspeito dos mendigos, nas tabernas (...) e a sua outra face, o grupo da vida em família” (Ariés, 1986).

Em meados do século XVI, os artistas começaram a representar a família em torno de uma mesa coberta de frutas ou, então, vemos a família que parou de comer para fazer música. Daí em

diante, a família seria retratada num instantâneo, numa cena viva, num certo momento de sua vida quotidiana: os homens reunidos em torno da lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao irmãozinho.

1.3.1. COPING RELIGIOSO

O coping religioso é uma forma de lidar com o stress, na qual o indivíduo se volta para a religião (Pargament, 1997, cit. por Panzini & Bandeira, 2005). Os objetivos do coping religioso são compatíveis com os cinco objetivos máximos da religião: procura de significado, controle, conforto espiritual, intimidade com Deus e com outros membros da sociedade e transformação de vida (Pargament, 1997, cit. por Panzini & Bandeira, 2005), bem como com a procura do bem-estar psicológico, físico e emocional (Tarakwshwar & Pargament, 2001, cit. por Panzini & Bandeira, 2005).

O termo religião é considerado, pela psicologia moderna, um construto individual e institucional. William James (1902, cit. por Hill & Pargament, 2003) diferencia dois tipos de religião, a experiencial que é direta e imediata e a institucional que é uma tradição herdada. O próprio conceito de religião tem sofrido alterações, tendo sido redefinido num sistema fixo de ideias e compromissos ideológicos que “não representam o elemento pessoal dinâmico da piedade humana” (Wulff, 1996, p.46, cit por Hill & Pargament, 2003).

O termo espiritualidade tem sido cada vez mais usado para definir a experiência pessoal e subjetiva da religião. Assim sendo, vemos a religião a representar uma expressão mais institucional, formal, doutrinal, autoritária e a espiritualidade a representar uma expressão mais livre, individual, emocional, subjetiva, não sistemática (Hill & Pargament, 2003).

Há que ter em conta a perigosidade da separação entre estes conceitos. Em primeiro lugar porque este ato não tem em conta que todas as formas de expressão espiritual se desenrolam num contexto social e que virtualmente todas as tradições organizadas de fé estão interessadas na organização de assuntos pessoais” (Wuthnow, 1998, cit. por Hill & Pargament, 2003). E, em segundo lugar, implícito nestas definições, está a noção de que a espiritualidade é boa mas a religião é má, o que ignora por completo o lado positivo e negativo tanto da espiritualidade como da religião. Em terceiro lugar, a realidade é que a maioria das pessoas experienciam a espiritualidade dentro de um contexto religioso organizado e não conseguem ver a distinção entre ambos. Por último, a distinção entre religião e espiritualidade pode levar a duplicações desnecessárias nos conceitos e medidas (Hill & Pargament, 2003).

Estes dois conceitos representam construtos relacionados, ainda que qualquer definição de um construto religioso e espiritual seja limitada, a espiritualidade pode ser entendida como a procura do sagrado, com o intuito de descobrir, agarrar-se a e transformar o que de sagrado há nas nossas vidas (Pargament, 1997, 1999 cit. por Hill & Pargament, 2003).

O sagrado é o que distingue a religião e a espiritualidade do resto dos fenómenos. Refere-se aos objetos ou eventos especiais distintos do ordinário e, como tal, merecedor de veneração. O sagrado inclui conceitos como Deus, o divino, a Realidade Última, o transcendente, bem como qualquer aspeto da vida que abarca um carácter extraordinário pela virtude na sua associação com ou representação de tais conceitos (Pargament, 1999, cit. por Hill & Pargament, 2003). O sagrado é o denominador comum da vida religiosa e espiritual. Tem havido um aumento de literatura que investiga a relação entre religião e espiritualidade e fatores como doenças cardíacas, colesterol, hipertensão, cancro, mortalidade e comportamentos de saúde, entre outros (Koenig et al., cit. por Hill & Pargament, 2003).

A religião e a espiritualidade são variáveis complexas que envolvem dimensões cognitivas, emocionais, comportamentais, interpessoais e fisiológicas.

Allport (1950) faz a distinção entre indivíduos religiosamente maduros que vivem a sua religião e religiosamente imaturos que usam a sua religião. Indivíduos religiosos intrinsecamente orientados apresentam menor preconceito do que indivíduos extrinsecamente orientados. Conhecer Deus é a função central da religião e os sistemas de crença, prática e relacionamentos são criados para aproximar as pessoas do transcendente. Para a mente religiosa e espiritual, a conexão com Deus é a de maior importância, quer leve a uma melhor saúde física e mental ou não.

Existem boas razões teóricas que levam a crer que uma conexão sentida com Deus está relacionada com uma melhor saúde. Segundo a teoria de vinculação, Deus pode ser visto como uma figura de vinculação (Kaufman, 1981; Kirkpatrick, 1995, cit. por Hill & Pargament, 2003). E, tal como uma criança vê os pais como figuras de proteção, as pessoas podem ver Deus como um ser que transmite proteção e cuidado em tempos de stress. Esta teoria defende que pessoas que experienciam uma conexão segura com Deus experienciam também um maior conforto em situações stressantes e uma maior força e confiança no quotidiano. Outras consequências de uma relação segura com Deus são baixos níveis de stress psicológico e baixos níveis de solidão. As medidas que avaliam a proximidade percebida a Deus são medidas que avaliam a proximidade percebida a algo não verificável, no entanto, têm constituído preditores significativos de saúde física e mental.

De acordo com os resultados que surgem desta teoria, os indivíduos que reportam uma conexão próxima com Deus experienciam um número de benefícios relacionados com a saúde,

tais como menores níveis de depressão e maiores níveis de autoestima (Maton, 1989b, cit. por Hill & Pargament, 2003), menores níveis de solidão (Kirkpatrick, Kellas & Shillito, 1993, cit. por Hill & Pargament, 2003), maior maturidade relacional (Hall & Edwards, 1996, 2002, cit. por Hill & Pargament, 2003) e maior competência psicossocial (Pargament et. al, 1988, cit. por Hill & Pargament, 2003).

As medidas de coping religioso que refletem uma relação segura com Deus estão ligadas a uma melhor autoavaliação da saúde (Krause, 1998, cit. por Hill & Pargament, 2003) e a um melhor ajustamento psicológico em pessoas que enfrentam uma variedade de stressores nas suas vidas. A magnitude destes efeitos é maior do que a associada às medidas da religião global e da espiritualidade (Pargament, 1997, cit. por Hill & Pargament, 2003). “O coping religioso adiciona uma componente ao preditor de ajustamento aos eventos stressantes da vida” (Tix & Frazier, 1998, p. 420, cit. por Hill & Pargament, 2003).

Para o crente, a religião e a espiritualidade não são um conjunto de crenças e práticas sem qualquer relação com o quotidiano, a serem apenas aplicados em tempos e ocasiões especiais, mas sim formas de vida que são procuradas, experienciadas, cuidadas e sustentadas consistentemente. Visto numa perspetiva religiosa e espiritual, muitos aspetos da vida podem ser percepcionados como sagrados na significância e caráter, incluindo a saúde, tanto física como psicológica (Pargament & Mahoney, 2002, cit. por Hill & Pargament, 2003). As dimensões da vida que as pessoas consideram sagradas serão mais provavelmente tratadas com respeito e cuidado. E este sentido da sacralidade pode representar uma fonte importante de força, significado e coping.

A estrutura da religião e espiritualidade pode proporcionar às pessoas uma sensação dos seus últimos objetivos e destinos na vida que se tornam lutas espirituais frequentemente pela sua associação com uma estrutura religiosa maior. Estas lutas espirituais, segundo Emmons (1999, cit. por Hill & Pargament, 2003), são fortalecedoras - as pessoas têm maior probabilidade de perseverar na busca de objetivos transcendentais-, proporcionam estabilidade, apoio e direção em tempos críticos- os indivíduos podem apoiar-se na sensação de propósito último e significado mesmo perante situações de vida perturbadoras (Baumeister, 1991, cit. por Hill & Pargament, 2003) -, e oferecem uma filosofia de vida unificadora que dá maior coerência à personalidade perante forças sociais e culturais que empurram para a fragmentação.

As orientações espirituais e religiosas oferecem não só uma sensação de último destino na vida como de caminhos viáveis para chegar a esse destino. Por exemplo, numa tentativa de se sustentar e sustentar a sua espiritualidade em situações stressantes, as pessoas com estruturas religiosas mais fortes têm maior acesso a um leque de mecanismos de coping religioso. Estes mecanismos estão relacionados com uma melhor saúde mental e física (Pargament, 1997, cit. por Hill &

Pargament, 2003). Da mesma forma, na busca do crescimento espiritual ou de uma relação com o transcendente, o indivíduo vai, mais provavelmente, evitar os vícios e realizar virtudes que têm sido associadas a uma melhor saúde mental e física.

As pessoas experimentam menos conflitos com, obtêm maior satisfação e significado de, e investem mais tempo, cuidado e energia nos aspetos das suas vidas que consideram sagrados (Mahoney et al., 1999; Tarakeshwar, Swank, Pargament e Mahoney, 2001, cit. por Hill & Pargament, 2003).

A motivação espiritual parece ter implicações psicológicas positivas. Num estudo realizado por Emmons, Cheung e Tehrani (1998, cit. por Hill & Pargament, 2003), foi pedido aos participantes em diversas amostras para descreverem o que procuravam nas suas vidas. Aqueles que relataram um número maior de esforços espirituais também indicaram maior propósito na vida, melhor satisfação com a mesma e níveis mais altos de bem-estar. Além disso, os esforços espirituais estavam relacionados a menos conflitos entre objetivos e a um maior grau de integração de objetivos.

Em várias investigações, níveis mais elevados de orientação religiosa intrínseca têm sido associados a melhor saúde mental, incluindo autoestima, significado de vida, relações familiares, sensação de bem-estar e níveis mais baixos de abuso de álcool, drogas e promiscuidade sexual (Donahue, 1985; Payne, Bergin, Bielema, & Jenkins, 1991, cit. por Hill & Pargament, 2003). Medidas de religiosidade intrínseca também foram associadas a métodos positivos de coping religioso, tais como apoio espiritual, interpretações religiosas benevolentes de crises de vida e várias formas de oração (Pargament et al., 1992; Park & Cohen, 1993, cit. por Hill & Pargament, 2003).

Alguns autores (Fromm, 1950, cit. por Beit-Hallahmi, 2015) distinguem religião autoritária vs. religião humanística e, apesar de ser claro que existem algumas religiões mais autoritárias e menos humanas que outras, se nos referimos ao humanismo, tendo em conta que esta visão implica que “o homem é o centro de todas as coisas”, esta perspetiva tão centrada no homem torna-se incompatível com uma crença centrada em Deus ou no Espírito.

Beit-Hallahmi (2015) aborda a teoria freudiana acerca da religião como sendo construída numa ilusão que serve para defesa contra a ansiedade que surge do desamparo humano e de uma negação da morte. O autor dá um grande contributo à psicologia cognitiva-evolucionista, mostrando que a religião é construída na arquitetura do funcionamento mental intuitivo com distinção do funcionamento mental reflexivo.

1.4. OBJETIVOS E HIPÓTESES GERAIS

Tendo em conta o que foi explanado anteriormente, esta investigação pretende elucidar o papel das *Memórias de Infância* relativamente à *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*. Seria importante também investigar se os *Estados Emocionais* são ou não importantes face à *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*. Finalmente, seria relevante averiguar a complementaridade entre o *Coping Religioso* e a *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*.

Assim, gostaríamos de propor as seguintes hipóteses gerais.

Hipótese Geral 1: as *Memórias de Infância* vão contribuir significativamente para a explicação da variância da *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*.

Hipótese Geral 2: os *Estados Emocionais* contribuem, de forma significativa, para a explicação da variância da *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*.

Hipótese Geral 3: o *Coping Religioso* dá um contributo significativo para a explicação da variância das representações da *percepção de perpetuação dos Estilos Parentais*.

2. METODOLOGIA

2.1. DEFINIÇÃO DE VARIÁVEIS

Na Hipótese Geral 1, a variável independente é constituída pelas memórias de infância na relação com as figuras parentais e a variável dependente é a percepção da perpetuação dos estilos parentais.

Na Hipótese Geral 2, a variável independente é constituída pelos estados emocionais e a variável dependente é a percepção da perpetuação dos estilos parentais.

Na Hipótese Geral 3, a variável independente é constituída pelo coping religioso e a variável dependente é a percepção da perpetuação dos estilos parentais.

2.2 INSTRUMENTOS

2.2.1 Questionário Sociodemográfico e Clínico

Para o presente estudo, foi construído um questionário sociodemográfico e clínico de forma a compreender melhor a amostra do mesmo. As questões deste questionário são do tipo de autorrelato, incluindo dados como a idade, o género, o estado civil, o número de filhos, a escolaridade e o estado civil dos pais. Este questionário é constituído por 22 itens que correspondem a questões de formato misto, ou seja, 3 questões de escolha múltipla e 19 questões abertas. Para avaliar o nível socioeconómico foi aplicado o Questionário de Classificação Social (Graffar, 1956).

2.2.2 EADS

A EADS é a versão traduzida e adaptada para a população portuguesa da *DASS (Depression Anxiety Stress Scales)* que se propunha cobrir a totalidade dos sintomas de ansiedade, depressão e stress, que surgiu posteriormente como um fator que incluía os itens menos discriminativos das duas primeiras dimensões. Este instrumento consistia originalmente em 42 sintomas emocionais negativos, aos quais os participantes responderiam apontando o grau em que tais sintomas se expressaram na sua última semana. Cada escala apresentava 14 itens (Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004).

A EADS assume que as perturbações psicológicas são dimensionais e não categoriais, ou seja, as diferenças experimentadas por sujeitos normais e com perturbações, na depressão, ansiedade e stress, são essencialmente diferenças de grau (Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004).

A escala de depressão é caracterizada, principalmente, pela perda de autoestima e motivação e está associada com a percepção de baixa probabilidade de alcançar objetivos de vida que sejam significativos para o indivíduo enquanto pessoa. A escala de ansiedade salienta as ligações entre os estados persistentes de ansiedade e respostas intensas de medo. A escala de stress evidencia os estados de excitação e tensão persistentes, com baixo nível de resistência à frustração e desilusão (Lovibond & Lovibond, 1995, cit. por Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004).

A versão traduzida e adaptada da EADS organiza-se em três escalas: *Depressão* que conta com 7 itens (13, 10, 21, 17, 3, 16, 5), *Ansiedade* que conta com 7 itens (2, 4, 19, 7, 9, 15, 20) e *Stress* que conta com 7 itens (1, 12, 8, 18, 6, 11, 14). Para cada item, existem quatro possibilidades de resposta, apresentadas numa escala de tipo Likert: 0-“não se aplicou a mim de maneira nenhuma”, 1-“aplicou-se a mim algumas vezes”, 2-“aplicou-se a mim muitas vezes”, 3-“aplicou-se a mim a maior parte das vezes”.

Neste instrumento, a nossa amostra obteve os seguintes resultados:

Na subescala *stress*- M = 4.79; DP = 3.84; min. = 0; máx. = 21; assimetria = 2.23; curtose = 7.63; Alfa de Cronbach = .857.

Na subescala *ansiedade*- M = .90; DP = 1.62; min. = 0; máx. = 7; assimetria = 2.29; curtose = 5.25; Alfa de Cronbach = .582.

Na subescala *depressão*- M = 1.28; DP = 1.75; min. = 0; máx. = 6; assimetria = 1.51; curtose = 1.40; Alfa de Cronbach = .591.

2.2.3 EMBU

O EMBU avalia as lembranças de práticas educativas na infância e adolescência (Canavarro, 1996). Esta escala foi utilizada na sua tradução e adaptação para a população portuguesa e conta com 23 itens para o pai e 23 itens para a mãe que são separados mas iguais e na mesma ordem para ambos os pais. Estes itens são avaliados numa escala Likert de 4 pontos: “Não, nunca”, “Sim, ocasionalmente”, “Sim, frequentemente” e “Sim, a maior parte do tempo”.

Os itens compõem 3 fatores: *Suporte* ou *Calor Emocional*, que conta com 7 itens (14, 12, 23, 2, 6, 19, 9) e é definido como uma série de comportamentos parentais que geram nos filhos a sensação de conforto e a certeza de ser aprovado como pessoa pelos pais; *Rejeição*, que conta com 8 itens (7, 13, 1, 16, 15, 4, 10, 22) e pode ser compreendida como um conjunto de comportamentos com a intenção de mudar a vontade da criança, entendidos como a rejeição da mesma enquanto indivíduo; *Superproteção*, que conta com 8 itens (8, 11, 18, 17, 20, 3, 5) e é caracterizada como o comportamento parental com excessiva preocupação indutora de stress, intrusão nas atividades da

criança, altos níveis de padrão de realização e imposição de regras rígidas (Canavarro, 1999, cit. por Kobarg, Vieira & Vieira, 2010). Os autores constataram que os adultos que apresentavam alguma perturbação psiquiátrica, na sua maioria, tiveram privação de cuidados parentais na infância, separação ou divórcio dos pais, além de outras variáveis numa idade de desenvolvimento.

A nossa amostra, neste instrumento, obteve os seguintes resultados:

Na subescala *rejeição* do pai- M = 10.26; DP = 3.41; min. = 8; máx. = 26; assimetria = 3.28; curtose = 13.26; Alfa de Cronbach = .837.

Na subescala *rejeição* da mãe- M = 13.22; DP = 4.20; min. = 9; máx. = 26; assimetria = 1.52; curtose = 2.48; Alfa de Cronbach = .846.

Na subescala *suporte emocional* do pai- M = 16.84; DP = 5.79; min. = 7; máx. = 26; assimetria = -.03; curtose = -1.18; Alfa de Cronbach = .917.

Na subescala *suporte emocional* da mãe- M = 19.76; DP = 4.21; min. = 11; máx. = 26; assimetria = -.37; curtose = -.51; Alfa de Cronbach = .833.

Na subescala *superproteção* do pai- M = 10.50; DP = 3.04; min. = 6; máx. = 17; assimetria = .29; curtose = -.93; Alfa de Cronbach = .599.

Na subescala *superproteção* da mãe- M = 13.23; DP = 3.55; min. = 8; máx. = 21; assimetria = .29; curtose = -.66; Alfa de Cronbach = .628.

2.2.4 EMBU-P

O EMBU-P é um instrumento originalmente desenvolvido em espanhol, a partir da primeira versão do EMBU (Arrindell et al., 1983, cit. por Canavarro & Pereira, 2007) e tem como objetivo a avaliação da percepção dos progenitores dos seus próprios estilos parentais educativos relativamente aos seus filhos.

A versão espanhola original do EMBU-P avalia os estilos parentais educativos, tal como eles são percepcionados pelo pai e pela mãe, em quatro dimensões: suporte emocional (17 itens); rejeição (13 itens), tentativa de controlo (19 itens) e preferência em relação ao irmão (3 itens). A escala conta com 52 itens no total e estes são avaliados numa escala de tipo Likert, de 4 pontos: 1-“Não, nunca”; 2-“Sim, às vezes”, 3-“Sim, frequentemente” e 4-“Sim, sempre” (Canavarro & Pereira, 2007).

A versão utilizada neste estudo foi traduzida e adaptada para a população portuguesa e conta com 42 itens distribuídos por 3 fatores: *suporte emocional*, *rejeição* e *tentativa de controlo*. A dimensão *suporte emocional* é constituída por 14 itens (1, 10, 16, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 32, 36, 40, 41, 42) que traduzem a expressão verbal e física de suporte afetivo por parte dos pais, a

aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica dos pais. Dos 14 itens desta escala, 13 pertenciam à escala equivalente na versão original e 1 pertencia à escala tentativa de controlo (Canavarro & Pereira, 2007).

A dimensão *rejeição* é constituída por 17 itens (2, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 25, 31, 33, 34, 35, 37, 38) que manifestam hostilidade/agressão verbal e física e a não aceitação da criança. Dos 17 itens desta escala, 9 pertenciam à escala equivalente da versão original e 8 pertenciam à escala tentativa de controlo.

A dimensão *tentativa de controlo* é constituída por 11 itens (3, 6, 7, 9, 15, 19, 23, 24, 26, 29, 39) que descrevem intenções e ações dos pais que visam controlar o comportamento das crianças, manifestações de exigência em relação aos filhos e preocupações com o bem-estar da criança. Dos 11 itens que constituem a escala, 10 pertenciam à escala equivalente na versão original e 1 pertencia à escala suporte emocional da versão original (Canavarro & Pereira, 2007).

Neste instrumento, a amostra obteve os resultados seguintes:

Na subescala *suporte emocional*- $M = 47.54$; $DP = 4.63$; min. = 38; máx. = 56; assimetria = $-.28$; curtose = $-.50$; Alfa de Cronbach = $.810$.

Na subescala *rejeição* - $M = 27.66$; $DP = 4.54$; min. = 18; máx. = 38; assimetria = $.28$; curtose = $.27$; Alfa de Cronbach = $.837$.

Na subescala *tentativa de controlo*- $M = 26.89$; $DP = 4.61$; min. = 20; máx. = 35; assimetria = $.12$; curtose = -1.21 ; Alfa de Cronbach = $.671$.

2.2.5 PBI

O *Parental Bonding Instrument* (PBI) é um instrumento que avalia a qualidade do vínculo estabelecido entre pais e filhos durante a infância e adolescência. A versão do PBI utilizada neste estudo foi traduzida e adaptada para a população portuguesa (Geadá, 2003) e é constituída por 25 itens que compõem as escalas que avaliam *cuidado* (12 itens- 5, 17, 6, 12, 1, 11, 14, 4, 2, 24, 18, 16) que é caracterizado, num extremo, pelo carinho e afeto, e por rejeição e frieza no outro; *superproteção/controlo* (13 itens- 9, 23, 13, 19, 8, 20, 10, 15, 7, 3, 21, 25, 22) que exprime a intensidade da vigilância dos pais num extremo e a promoção de autonomia no outro. As respostas aos itens são dadas através de uma escala de tipo Likert de 4 pontos: “Sempre ou quase sempre”, “Muitas vezes”, “Poucas vezes”, “Nunca ou quase nunca” (Teodoro et al., 2010).

A partir das duas escalas, é possível obter 4 classificações de vínculos entre pais e filhos: o *cuidado ótimo* onde se encontram os pais que obtêm uma pontuação elevada em *cuidado* e baixa em *superproteção/controlo*; o *controlo afetivo* que engloba pais que obtêm scores elevados em *cuidado* e *superproteção/controlo*; o *controlo sem afeto* no qual os pais apresentam baixa

pontuação em *cuidado* e um resultado elevado em *superproteção/controlo*; o *negligente* que engloba pais com pontuação reduzida em *cuidado* e em *superproteção/controlo* (Teodoro et al., 2010).

A nossa amostra, neste instrumento, obteve os resultados seguintes:

Na subescala *cuidado* do pai- M = 32.69; DP = 9.29; min. = 12; máx. = 47; assimetria = -.44; curtose = -.37; Alfa de Cronbach = .858.

Na subescala *cuidado* da mãe- M = 37.64; DP = 5.89; min. = 26; máx. = 48; assimetria = -.07; curtose = -.67; Alfa de Cronbach = .838.

Na subescala *superproteção* do pai- M = 25.08; DP = 6.36; min. = 13; máx. = 40; assimetria = .17; curtose = -.19; Alfa de Cronbach = .668.

Na subescala *superproteção* da mãe- M = 28.23; DP = 7.87; min. = 13; máx. = 46; assimetria = .46; curtose = -.25; Alfa de Cronbach = .856.

2.2.6 RCOPE

A escala RCOPE apresentava originalmente 105 itens agrupados em 21 subescalas. A cotação de cada subescala é obtida pela soma dos itens que a constituem. Além disso, existem ainda as escalas do *coping religioso negativo* e *positivo* cujas pontuações são obtidas através da soma de subescalas específicas.

O instrumento utilizado nesta investigação foi uma versão reduzida do RCOPE, o *brief RCOPE* (Dantas, 2010). traduzido e adaptado para a população portuguesa que conta com 70 itens e são avaliados através de uma escala de tipo Likert: 0-“De maneira nenhuma”, 1-“Um pouco”, 2-“Bastante” e 3-“Imenso”.

As subescalas correspondentes à escala do *coping positivo* são: *purificação/perdão religioso* (5 itens- 43, 49, 52, 57, 65), *direção/conversão religiosa* (8 itens- 47, 48, 53, 60, 61, 64, 68, 69), *ajuda religiosa* (4 itens- 45, 54, 58, 59), *procura de apoio do clero/membros da igreja* (7 itens- 19, 42, 50, 51, 62, 67, 70), *foco religioso* (4 itens- 8, 9, 28, 32), *rendição religiosa ativa* (5 itens- 11, 15, 17, 23, 37), *reavaliação religiosa benevolente/apoio espiritual* (6 itens- 5, 14, 25, 34, 35, 38). Por outro lado, as subescalas que se enquadram na escala do *coping religioso negativo* são: *reavaliação punitiva de Deus* (5 itens- 2, 6, 13, 20, 39), *reavaliação demoníaca* (5 itens- 12, 18, 26, 33, 40), *reavaliação do poder de Deus* (3 itens- 29, 30, 36), *deferimento religioso passivo* (5 itens- 3, 4, 16, 24, 27), *descontentamento espiritual e religioso interpessoal* (8 itens- 7, 41, 44, 46, 55, 56, 63, 66) (Dantas, 2010).

Neste instrumento, a amostra obteve os seguintes resultados:

Na subescala *reavaliação religiosa benevolente*- M = 8.31; DP = 5.31; min. = 0; máx. = 18; assimetria = -.40; curtose = -.99; Alfa de Cronbach = .922.

Na subescala *reavaliação punitiva de Deus*- M = 2.00; DP = 2.76; min. = 0; máx. = 14; assimetria = 2.69; curtose = 9.23; Alfa de Cronbach = .891.

Na subescala *reavaliação demoníaca*- M = 3.05; DP = 3.28; min. = 0; máx. = 14; assimetria = 1.19; curtose = 1.63; Alfa de Cronbach = .858.

Na subescala *rendição religiosa ativa*- M = 7.87; DP = 4.88; min. = 0; máx. = 15; assimetria = -.41; curtose = -.95; Alfa de Cronbach = .927.

Na subescala *deferimento religioso passivo*- M = 3.74; DP = 3.62; min. = 0; máx. = 12; assimetria = .54; curtose = -.79; Alfa de Cronbach = .879.

Na subescala *foco religioso*- M = 2.95; DP = 2.50; min. = 0; máx. = 8; assimetria = .38; curtose = -1.09; Alfa de Cronbach = .797.

Na subescala *purificação/perdão religioso*- M = 7.11; DP = 4.99; min. = 0; máx. = 15; assimetria = -.11; curtose = -1.42; Alfa de Cronbach = .933.

Na subescala *descontentamento espiritual religioso interpessoal*- M = 1.87; DP = 2.65; min. = 0; máx. = 15; assimetria = 3.36; curtose = 15.63; Alfa de Cronbach = .761.

Na subescala *busca de apoio do clero e membros da igreja*- M = 6.21; DP = 5.72; min. = 0; máx. = 19; assimetria = .57; curtose = -.79; Alfa de Cronbach = .930.

Na subescala *ajuda religiosa*- M = 4.54; DP = 3.45; min. = 0; máx. = 12; assimetria = .32; curtose = -.43; Alfa de Cronbach = .933.

Na subescala *direção/conversão religiosa*- M = 10.92; DP = 7.62; min. = 0; máx. = 24; assimetria = -.15; curtose = -1.29; Alfa de Cronbach = .938.

2.3. PROCEDIMENTO

Para a realização de esta investigação foram, inicialmente, solicitadas as autorizações para a utilização das escalas necessárias ao estudo. Para a utilização da EADS (Escala de Ansiedade, Depressão e Stress), versão portuguesa da *Depression Anxiety Stress Scales (DASS)*, foi encaminhado o pedido ao Prof. Doutor José Luís Pais Ribeiro; para a utilização do *Parental Bonding Instrument (PBI)*, na versão traduzida e adaptada para a população portuguesa, foi dirigido o pedido ao Professor Doutor Manuel Luís de Carvalho Geada; para a utilização da Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU) e do EMBU-Pais (EMBU-P), ambos traduzidos

e adaptados para a população portuguesa, foi realizado o pedido à Professora Doutora Maria Cristina Canavarro; para a utilização da Escala de Coping Religioso-Espiritual (RCOPE), versão portuguesa da *Spiritual/Religious Coping Scale (SRCOPE Scale)* foi dirigido o pedido à Dra. Sara Gomes Dantas.

A recolha de dados foi efetuada, utilizando a entrevista e a aplicação de um Questionário Sociodemográfico e Clínico e, posteriormente, foi realizada a aplicação dos instrumentos acima relatados. Esta recolha decorreu numa Igreja Cristã do município de Torres Vedras e também na rede de contatos da investigadora.

Foi disponibilizada uma Folha de Informação ao Participante que apresenta os objetivos do estudo, bem como informações acerca da investigadora, e do tipo de colaboração esperado, bem como dos instrumentos que iriam ser aplicados. Posteriormente, foi apresentado um Consentimento Informado aos participantes para assinarem, no qual eram explicadas as obrigações da investigadora, tal como a confidencialidade e anonimato e o direito do participante de abandonar a investigação a qualquer momento.

O tratamento estatístico dos dados foi feito com recurso ao SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 25.0 para o Windows. Em primeiro lugar, foram realizadas análises de tipo descritivo de forma a conhecer as características da amostra. A testagem das hipóteses foi realizada através de análises de regressão linear múltipla. Nestas análises foram tidos em conta aspetos como o ajustamento à distribuição normal, a multicolinearidade e o carácter intervalar das escalas em uso. Nos casos em que as escalas eram de tipo categorial, procedeu-se a uma recodificação em 0 e 1.

2.4. CONVERSÃO DAS ESCALAS

Os resultados das escalas foram obtidos através da soma dos valores dos itens pertencentes a cada escala. Posteriormente, foi realizada uma recodificação das seguintes escalas: *cuidado* e *superproteção* tanto do pai como da mãe, do PBI; *suporte emocional*, *rejeição* e *superproteção*, tanto da mãe como do pai, do EMBU; *suporte emocional*, *rejeição* e *superproteção/tentativa de controlo*, do EMBU-P. No caso das escalas do PBI, esta conversão deveu-se à necessidade de identificar os estilos das memórias de infância. Esta recodificação foi realizada com base nas médias de cada escala, sendo que para resultados inferiores à média foi atribuído um 0 e para resultados superiores à média foi atribuído um 1.

Para as escalas do PBI, identificaram-se os casos em que o *cuidado* e o *controle* estavam acima e abaixo da média (elevados ou baixos, respetivamente), e criaram-se as variáveis correspondentes aos vínculos parentais. Para um *cuidado* e *controle* elevados estamos perante o *controle afetivo*, para um *cuidado* e *controle* baixo estamos perante uma vinculação *negligente*, para um *cuidado* elevado e *controle* baixo estamos perante o *cuidado ótimo*, e para um *cuidado* baixo e *controle* elevado estamos perante o *controle sem afeto*. Todas estas variáveis de memórias de infância sobre os vínculos parentais foram criadas tanto para a mãe como para o pai.

No caso das escalas do EMBU e do EMBU-P, a reconversão foi devida à necessidade de identificar os casos em que se verifica a percepção da perpetuação dos estilos parentais. As escalas de percepção da perpetuação foram criadas comparando os valores abaixo ou acima da média (0 ou 1) das escalas do EMBU com as escalas do EMBU-P. Quando o suporte emocional, a rejeição e a superproteção/tentativa de controle eram classificados em simultâneo com 0 ou com 1, tanto no EMBU (memórias dos estilos parentais) como no EMBU-P (estilos parentais aplicados no presente), estávamos perante a percepção da perpetuação a 3 fatores. Posteriormente, fizemos as comparações a 2 fatores, apenas para o suporte emocional e rejeição, para o suporte emocional e superproteção e para a rejeição e superproteção. Por último, comparámos os valores do EMBU com os do EMBU-P para determinar a percepção da perpetuação de apenas 1 fator, o suporte emocional, a rejeição e a superproteção. Todos estes fatores foram obtidos tanto para as memórias dos estilos parentais paternas, como para as maternas.

2.5. PARTICIPANTES

Este estudo incidiu numa amostra por conveniência, composta por 39 sujeitos, selecionados de acordo com o critério de exclusão no caso de não parentalidade. As idades estão compreendidas entre os 30 e os 53 anos ($M = 42.08$ e $DP = 5.61$). As características gerais estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1.

Características sociodemográficas da amostra (N = 39).

	N	%
<i>Sexo</i>		
Masculino	15	38.5
Feminino	24	61.5
<i>Estatuto Conjugal</i>		
Solteiro(a)	2	5.1
Casado(a)	31	79.5
União de Facto	3	7.7
Divorciado(a)	3	7.7
<i>ESE*</i>		
1	8	20.5
2	20	51.3
3	10	25.6
4	1	2.6
<i>Crenças Religiosas</i>		
Cristã Evangélica	24	61.5
Cristã Católica	6	15.4
Não Crente	9	23.1
<i>Frequenta Igreja</i>		
Sim	26	66.7
Não	13	33.3

* ESE – Estatuto Socioeconómico

Verifica-se uma predominância de participantes do sexo feminino (n = 24, 61.5%) face aos participantes do sexo masculino (n = 15, 38.5%). As mães que participaram no estudo tinham idades compreendidas entre os 30 e os 53 anos (M = 41.46, DP = 5.79) e os pais apresentaram idades compreendidas entre os 33 e os 49 anos (M = 43.03, DP = 5.37).

A maioria dos participantes é casada (79.5%) e apresenta diferentes graus de escolaridade (M = 12.36, DP = 3.74). Todos os participantes são de nacionalidade portuguesa e a maioria é natural de Lisboa e arredores (87%). Relativamente ao estatuto socioeconómico (ESE), a maioria dos sujeitos encontram-se entre o 1º e o 2º nível (71.8%) e os restantes encontram-se entre o 3º e o 4º nível (28.2%).

A maioria dos participantes tem dois filhos (M = 1.90, DP = .45) e a maioria dos filhos são da relação atual (M = 1.77, DP = .63).

Relativamente às crenças religiosas, verifica-se uma predominância da religião Cristã Evangélica, com alguns participantes da religião Católica e não crentes. Destes sujeitos, a maioria

são praticantes (frequentam uma igreja) e aproximadamente um terço são não praticantes (não frequentam uma igreja) (ver Tabela 1).

3. RESULTADOS

3.1. TESTAGEM DAS HIPÓTESES ESPECÍFICAS

Para testar as nossas hipóteses, foram realizadas análises de regressão linear múltipla. Com o objetivo de verificar se as dimensões dos questionários apresentam uma distribuição normal foram utilizados os testes *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*, cujos resultados são apresentados nos anexos X e Z. Apesar de algumas variáveis apresentarem desvios significativos relativamente à distribuição normal, a inspeção dos Q-Q Plots permitiu concluir que esses desvios não impedem o uso das estatísticas paramétricas.

Foram controladas as variáveis: *idade dos participantes* e *número de anos de estudo concluídos com sucesso* (modelo 1); *estatuto socioeconómico* (modelo 2); *número de anos de relação conjugal* e *número de relações conjugais anteriores* (modelo 3), *número de filhos* e *número de filhos da relação atual* (modelo 4).

3.1.1. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 1

Hipótese específica 1: as *memórias de infância* correspondentes ao vínculo do *controle afetivo* (*cuidado* e *controle* elevados) contribuem para a percepção da perpetuação do estilo parental. Para a testagem desta hipótese, realizou-se uma regressão linear (Anexo Regressão Linear PBI) na qual se verificou que o *controle afetivo* explica a percepção da perpetuação do *suporte emocional* e *rejeição* ($p = .031$), apenas relativo à relação paterna (Tabela 2).

Tabela 2.

Influência do *controle afetivo* na percepção da perpetuação do *suporte emocional* e *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.216 ^a	.047	-.017	.48269	.047	.738	2	30	.487
2	.224 ^b	.050	-.048	.49007	.003	.103	1	29	.751
3	.528 ^c	.279	.146	.44245	.229	4.289	2	27	.024
4	.601 ^d	.361	.182	.43291	.082	1.602	2	25	.222
5	.690 ^e	.476	.301	.40027	.115	5.243	1	24	.031

O *controle afetivo* também é estatisticamente significativo ($p = .014$), na explicação da percepção da perpetuação do *suporte emocional* apenas relativa à relação paterna (Tabela 3).

Tabela 3.

Influência do *controle afetivo* na percepção da perpetuação do *suporte emocional*, na relação paterna

Modelo					Estatísticas de mudança				
	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.242 ^a	.059	.002	.50354	.059	1.029	2	33	.369
2	.249 ^b	.062	-.026	.51051	.003	.104	1	32	.749
3	.382 ^c	.146	.004	.50299	.084	1.482	2	30	.243
4	.450 ^d	.202	.003	.50324	.056	.985	2	28	.386
5	.605 ^e	.366	.178	.45695	.163	6.959	1	27	.014

3.1.2. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 2

Hipótese específica 2: as *memórias de infância* correspondentes ao vínculo do *cuidado ótimo* (*cuidado* elevado e *controle* baixo) vão contribuir para a percepção da perpetuação do estilo parental.

Após a realização da regressão linear, obteve-se um resultado estatisticamente significativo para o *cuidado ótimo* ($p = .041$), no sentido em que o mesmo explica a percepção da perpetuação do *suporte emocional e rejeição*, apenas na relação materna (Tabela 4).

Tabela 4.

Influência do *cuidado ótimo* na percepção da perpetuação do *suporte emocional e rejeição*.

Modelo					Estatísticas de mudança				
	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.224 ^a	.050	-.009	.47312	.050	.848	2	32	.438
2	.289 ^b	.083	-.005	.47229	.033	1.113	1	31	.300
3	.330 ^c	.109	-.044	.48135	.026	.422	2	29	.660
4	.517 ^d	.267	.077	.45253	.158	2.906	2	27	.072
5	.615 ^e	.378	.186	.42486	.111	4.632	1	26	.041

3.1.3. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 3

Hipótese específica 3: as *memórias de infância* correspondentes ao vínculo *negligente* (*cuidado* e *controle* baixos) contribuem para a percepção da perpetuação do estilo parental.

Para testar esta hipótese realizou-se uma regressão linear, na qual não se obtiveram resultados significativos.

3.1.4. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 4

Hipótese específica 4: as *memórias de infância* correspondentes ao vínculo do *controle sem afeto* (cuidado baixo controle elevado) vão contribuir para a percepção da perpetuação do estilo parental.

Para testar esta hipótese realizou-se uma regressão linear, na qual se obtiveram resultados significativos ($p = .031$), que demonstram que o *controle sem afeto* contribui para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental, quando se perpetua o *suporte emocional e rejeição*, no caso da relação paterna (Tabela 5).

Tabela 5.

Influência do *controle sem afeto* na percepção da perpetuação do *suporte emocional e rejeição*.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança					Sig.
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Mudança F	
1	.231 ^a	.053	-.008	.47666	.053	.876	2	31	.427	
2	.239 ^b	.057	-.037	.48364	.003	.111	1	30	.741	
3	.527 ^c	.278	.149	.43799	.221	4.290	2	28	.024	
4	.602 ^d	.362	.191	.42722	.084	1.715	2	26	.200	
5	.688 ^e	.473	.304	.39607	.111	5.252	1	25	.031	

3.1.5. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 5

Hipótese específica 5: a presença de *stress* vai dar um contributo significativo para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental.

Para testar esta hipótese realizou-se uma regressão linear, na qual não se obtiveram resultados significativos.

3.1.6. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 6

Hipótese específica 6: a presença de *ansiedade* contribui para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental.

Para a testagem desta hipótese recorreu-se a uma regressão linear que mostrou não haver resultados estatisticamente significativos.

3.1.7. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 7

Hipótese específica 7: a presença de *depressão* vai dar um contributo significativo para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental.

Para a testagem desta hipótese recorreu-se a uma regressão linear que mostrou não haver resultados estatisticamente significativos.

3.1.8. TESTAGEM DA HIPÓTESE ESPECÍFICA 8

A Hipótese 8 defende que a presença de *coping religioso* contribui significativamente para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental.

Para esta hipótese foram realizadas várias regressões lineares, para cada dimensão da escala. Assim, para a percepção da perpetuação absoluta do estilo parental (para os 3 fatores, *suporte emocional*, *rejeição* e *superproteção*), temos que a *reavaliação religiosa benevolente* contribui significativamente para a explicação da percepção da perpetuação ($p = .025$), apenas na relação materna (Tabela 6).

Tabela 6.

Influência da *reavaliação religiosa benevolente* na percepção da perpetuação dos estilos parentais, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.143 ^a	.021	-.043	.41909	.021	.325	2	31	.725
2	.176 ^b	.031	-.066	.42375	.010	.321	1	30	.575
3	.234 ^c	.055	-.114	.43314	.024	.357	2	28	.703
4	.492 ^d	.242	.038	.40259	.187	3.206	2	26	.057
5	.618 ^e	.382	.184	.37069	.140	5.667	1	25	.025

Também se obteve um resultado estatisticamente significativo na dimensão *deferimento religioso passivo* ($p = .041$), apenas na relação materna (Tabela 7).

Tabela 7.

Influência do *deferimento religioso passivo* na percepção da perpetuação dos estilos parentais, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.143 ^a	.021	-.043	.41909	.021	.325	2	31	.725
2	.176 ^b	.031	-.066	.42375	.010	.321	1	30	.575
3	.234 ^c	.055	-.114	.43314	.024	.357	2	28	.703
4	.492 ^d	.242	.038	.40259	.187	3.206	2	26	.057
5	.601 ^e	.361	.157	.37694	.119	4.659	1	25	.041

Também se obteve um resultado estatisticamente significativo na dimensão *purificação/perdão religioso* ($p = .016$), apenas na relação materna (Tabela 8).

Tabela 8.

Influência da *purificação/perdão religioso* na percepção da perpetuação dos estilos parentais, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança					Sig.
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Mudança F	
1	.114 ^a	.013	-.055	.43141	.013	.192	2	29	.827	
2	.160 ^b	.026	-.079	.43626	.012	.359	1	28	.554	
3	.218 ^c	.048	-.136	.44759	.022	.300	2	26	.743	
4	.483 ^d	.233	.009	.41803	.186	2.904	2	24	.074	
5	.639 ^e	.408	.202	.37510	.175	6.807	1	23	.016	

E por fim, também na relação materna, apurou-se uma contribuição significativa da *direção/conversão religiosa* ($p = .024$) para a explicação da percepção da perpetuação absoluta do estilo parental (Tabela 9).

Tabela 9.

Influência da *direção/conversão religiosa* na percepção da perpetuação dos estilos parentais, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança					Sig.
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Mudança F	
1	.143 ^a	.021	-.043	.41909	.021	.325	2	31	.725	
2	.176 ^b	.031	-.066	.42375	.010	.321	1	30	.575	
3	.234 ^c	.055	-.114	.43314	.024	.357	2	28	.703	
4	.492 ^d	.242	.038	.40259	.187	3.206	2	26	.057	
5	.620 ^e	.384	.187	.37010	.142	5.765	1	25	.024	

Quando abordamos a percepção da perpetuação do *suporte emocional e superproteção*, descobrimos que a *reavaliação demoníaca* contribui significativamente para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental ($p = .018$), na relação paterna (Tabela 10).

Tabela 10.

Influência da *reavaliação demoníaca* na percepção da perpetuação do *suporte emocional e superproteção*, na relação paterna.

Modelo					Estatísticas de mudança				
	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.261 ^a	.068	.012	.46443	.068	1.207	2	33	.312
2	.262 ^b	.068	-.019	.47158	.000	.007	1	32	.933
3	.533 ^c	.284	.165	.42689	.216	4.526	2	30	.019
4	.580 ^d	.336	.170	.42563	.052	1.089	2	28	.350
5	.680 ^e	.463	.304	.38984	.127	6.378	1	27	.018

A *purificação/perdão religioso* contribui significativamente para a explicação da percepção da perpetuação do *suporte emocional e superproteção*, tanto na relação materna ($p = .043$, Tabela 11), como na relação paterna ($p = .023$, Tabela 12).

Tabela 11.

Influência da *purificação/perdão religioso* na percepção da perpetuação do *suporte emocional e superproteção*, na relação materna.

Modelo					Estatísticas de mudança				
	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.321 ^a	.103	.047	.49023	.103	1.833	2	32	.176
2	.321 ^b	.103	.016	.49807	.000	.000	1	31	.984
3	.357 ^c	.128	-.023	.50779	.025	.412	2	29	.666
4	.429 ^d	.184	-.028	.50901	.056	.931	2	27	.407
5	.553 ^e	.305	.092	.47853	.122	4.549	1	26	.043

Tabela 12.

Influência da *purificação/perdão religioso* na percepção da perpetuação do *suporte emocional e superproteção*, na relação paterna.

Modelo					Estatísticas de mudança				
	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.230 ^a	.053	-.008	.47680	.053	.866	2	31	.431
2	.231 ^b	.053	-.041	.48456	.000	.015	1	30	.903
3	.520 ^c	.270	.140	.44046	.217	4.154	2	28	.026
4	.592 ^d	.350	.175	.43122	.080	1.606	2	26	.220
5	.688 ^e	.473	.304	.39605	.123	5.824	1	25	.023

O fator que contribui significativamente para a explicação da percepção da perpetuação do *suporte emocional* e *superproteção*, apenas na relação paterna é a *busca de apoio do clero e membros da igreja* ($p = .007$, Tabela 13).

Tabela 13.

Influência da *busca de apoio do clero* na percepção da perpetuação do *suporte emocional* e *superproteção*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.261 ^a	.068	.012	.46443	.068	1.207	2	33	.312
2	.262 ^b	.068	-.019	.47158	.000	.007	1	32	.933
3	.533 ^c	.284	.165	.42689	.216	4.526	2	30	.019
4	.580 ^d	.336	.170	.42563	.052	1.089	2	28	.350
5	.704 ^e	.496	.347	.37757	.160	8.582	1	27	.007

Relativamente à percepção da perpetuação da *rejeição* em simultâneo com a *superproteção*, após a realização de regressões lineares, obteve-se um fator que contribui significativamente para a explicação da percepção da perpetuação do estilo parental, apenas na relação paterna ($p = .008$, Tabela 14), que foi a *reavaliação religiosa benevolente*.

Tabela 14.

Influência da *reavaliação religiosa benevolente* na percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.522 ^a	.272	.224	.39851	.272	5.608	2	30	.009
2	.529 ^b	.280	.206	.40310	.008	.321	1	29	.576
3	.533 ^c	.284	.152	.41654	.004	.079	2	27	.924
4	.607 ^d	.369	.192	.40650	.085	1.675	2	25	.208
5	.730 ^e	.533	.378	.35675	.164	8.460	1	24	.008

A *rendição religiosa ativa* também contribuiu significativamente para a explicação da percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção* (Tabela 15), mas apenas na relação com o pai ($p = .022$).

Tabela 15.

Influência da *rendição religiosa ativa* na percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.522 ^a	.272	.224	.39851	.272	5.608	2	30	.009
2	.529 ^b	.280	.206	.40310	.008	.321	1	29	.576
3	.533 ^c	.284	.152	.41654	.004	.079	2	27	.924
4	.607 ^d	.369	.192	.40650	.085	1.675	2	25	.208
5	.704 ^e	.496	.327	.37090	.127	6.030	1	24	.022

A *purificação/perdão religioso* também contribuiu significativamente para a explicação da percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção* ($p = .047$), apenas na relação com a mãe (Tabela 16).

Tabela 16.

Influência da *purificação/perdão religioso* na percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção*, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.290 ^a	.084	.021	.49381	.084	1.327	2	29	.281
2	.337 ^b	.114	.019	.49428	.030	.945	1	28	.339
3	.380 ^c	.145	-.020	.50395	.031	.468	2	26	.631
4	.427 ^d	.182	-.057	.51293	.037	.549	2	24	.585
5	.560 ^e	.314	.075	.47985	.132	4.423	1	23	.047

A *direção/conversão religiosa* também contribuiu significativamente para a explicação da percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção* (Tabela 17), mas apenas na relação com a mãe ($p = .049$).

Tabela 17.

Influência da *direção/conversão religiosa* na percepção da perpetuação da *rejeição* e *superproteção*, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.305 ^a	.093	.035	.48465	.093	1.592	2	31	.220
2	.346 ^b	.120	.032	.48536	.027	.909	1	30	.348
3	.378 ^c	.143	-.010	.49578	.023	.376	2	28	.690
4	.435 ^d	.189	-.029	.50046	.046	.739	2	26	.487
5	.554 ^e	.307	.085	.47172	.118	4.264	1	25	.049

Quando se testou a percepção da perpetuação apenas no *suporte emocional*, obtiveram-se dois fatores que contribuíram significativamente para a explicação da percepção dessa perpetuação, mas apenas na relação paterna, a *busca de apoio do clero e membros da igreja* ($p = .012$, Tabela 18) e a *ajuda religiosa* ($p = .031$, Tabela 19).

Tabela 18.

Influência da *busca de apoio do clero e membros da igreja* na percepção da perpetuação do *suporte emocional*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.289 ^a	.084	.030	.49763	.084	1.554	2	34	.226
2	.295 ^b	.087	.004	.50423	.003	.116	1	33	.736
3	.408 ^c	.167	.032	.49695	.080	1.487	2	31	.242
4	.473 ^d	.224	.037	.49590	.057	1.066	2	29	.358
5	.620 ^e	.385	.209	.44943	.161	7.307	1	28	.012

Tabela 19.

Influência da *ajuda religiosa* na percepção da perpetuação do *suporte emocional*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.289 ^a	.084	.030	.49763	.084	1.554	2	34	.226
2	.295 ^b	.087	.004	.50423	.003	.116	1	33	.736
3	.408 ^c	.167	.032	.49695	.080	1.487	2	31	.242
4	.473 ^d	.224	.037	.49590	.057	1.066	2	29	.358
5	.611 ^e	.344	.157	.46393	.120	5.135	1	28	.031

Para a percepção da perpetuação da dimensão *rejeição*, descobriu-se que a *reavaliação religiosa benevolente* ($p = .002$, Tabela 20), a *reavaliação demoníaca* ($p = .003$, Tabela 21), a *rendição religiosa* ativa ($p = .049$, Tabela 22), o *deferimento religioso passivo* ($p = .014$, Tabela 23), a *purificação/perdão religioso* ($p = .044$, Tabela 24), o *foco religioso* ($p = .003$, Tabela 25) e a *direção/conversão religiosa* ($p = .021$, Tabela 26) contribuem significativamente para a explicação da variância, apenas na relação com o pai.

Tabela 20.

Influência da *reavaliação religiosa benevolente* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.245 ^a	.060	-.001	.50767	.060	.990	2	31	.383
2	.245 ^b	.060	-.034	.51606	.000	.001	1	30	.974
3	.382 ^c	.146	-.006	.50914	.086	1.410	2	28	.261
4	.499 ^d	.249	.047	.49534	.103	1.791	2	26	.187
5	.703 ^e	.494	.332	.41474	.245	12.089	1	25	.002

Tabela 21.

Influência da *reavaliação demoníaca* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.245 ^a	.060	-.001	.50767	.060	.990	2	31	.383
2	.245 ^b	.060	-.034	.51606	.000	.001	1	30	.974
3	.382 ^c	.146	-.006	.50914	.086	1.410	2	28	.261
4	.499 ^d	.249	.047	.49534	.103	1.791	2	26	.187
5	.689 ^e	.475	.307	.42255	.225	10.729	1	25	.003

Tabela 22.

Influência da *rendição religiosa ativa* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.245 ^a	.060	-.001	.50767	.060	.990	2	31	.383
2	.245 ^b	.060	-.034	.51606	.000	.001	1	30	.974
3	.382 ^c	.146	-.006	.50914	.086	1.410	2	28	.261
4	.499 ^d	.249	.047	.49534	.103	1.791	2	26	.187
5	.599 ^e	.359	.154	.46687	.109	4.268	1	25	.049

Tabela 23.

Influência do *deferimento religioso passivo* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.245 ^a	.060	-.001	.50767	.060	.990	2	31	.383
2	.245 ^b	.060	-.034	.51606	.000	.001	1	30	.974
3	.382 ^c	.146	-.006	.50914	.086	1.410	2	28	.261
4	.499 ^d	.249	.047	.49534	.103	1.791	2	26	.187
5	.642 ^e	.412	.224	.44696	.163	6.933	1	25	.014

Tabela 24.

Influência da *purificação/perdão religioso* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.243 ^a	.059	-.006	.50943	.059	.913	2	29	.413
2	.245 ^b	.060	-.041	.51827	.001	.020	1	28	.890
3	.396 ^c	.157	-.006	.50944	.097	1.489	2	26	.244
4	.534 ^d	.285	.076	.48820	.128	2.155	2	24	.138
5	.635 ^e	.403	.195	.45577	.118	4.537	1	23	.044

Tabela 25.Influência do *foco religioso* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.245 ^a	.060	-.001	.50767	.060	.990	2	31	.383
2	.245 ^b	.060	-.034	.51606	.000	.001	1	30	.974
3	.382 ^c	.146	-.006	.50914	.086	1.410	2	28	.261
4	.499 ^d	.249	.047	.49534	.103	1.791	2	26	.187
5	.690 ^e	.477	.309	.42185	.227	10.849	1	25	.003

Tabela 26.Influência da *direção/conversão religiosa* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação paterna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.245 ^a	.060	-.001	.50767	.060	.990	2	31	.383
2	.245 ^b	.060	-.034	.51606	.000	.001	1	30	.974
3	.382 ^c	.146	-.006	.50914	.086	1.410	2	28	.261
4	.499 ^d	.249	.047	.49534	.103	1.791	2	26	.187
5	.629 ^e	.396	.203	.45318	.146	6.063	1	25	.021

O *deferimento religioso passivo* ($p = .045$, Tabela 27) contribuiu significativamente para a explicação da percepção da perpetuação da *rejeição*, apenas na relação materna.

Tabela 27.Influência do *deferimento religioso passivo* na percepção da perpetuação da *rejeição*, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.198 ^a	.039	-.021	.50731	.039	.653	2	32	.527
2	.245 ^b	.060	-.031	.50979	.021	.689	1	31	.413
3	.271 ^c	.074	-.086	.52324	.014	.213	2	29	.809
4	.348 ^d	.121	-.107	.52822	.047	.728	2	27	.492
5	.499 ^e	.249	.018	.49756	.128	4.429	1	26	.045

Relativamente à percepção da perpetuação da *superproteção*, dois dos fatores apresentaram-se como contribuindo significativamente para a explicação da percepção da perpetuação, apenas na relação materna, a *purificação/perdão religioso* ($p = .038$, Tabela 28), e a *direção/conversão religiosa* ($p = .038$, Tabela 29).

Tabela 28.

Influência da *purificação/perdão religioso* na percepção da perpetuação da *superproteção*, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				Sig. Mudança F
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	
1	.233 ^a	.054	-.003	.49517	.054	.947	2	33	.398
2	.266 ^b	.071	-.016	.49838	.017	.576	1	32	.453
3	.294 ^c	.086	-.066	.51045	.015	.252	2	30	.779
4	.397 ^d	.157	-.053	.50739	.071	1.182	2	28	.322
5	.533 ^e	.284	.072	.47622	.127	4.785	1	27	.038

Tabela 29.

Influência da *direção/conversão religiosa* na percepção da perpetuação da *superproteção*, na relação materna.

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança				Sig. Mudança F
					Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	
1	.124 ^a	.015	-.041	.50537	.015	.274	2	35	.762
2	.158 ^b	.025	-.061	.51025	.010	.335	1	34	.567
3	.208 ^c	.043	-.106	.52102	.018	.305	2	32	.740
4	.404 ^d	.163	-.032	.50325	.120	2.149	2	30	.134
5	.530 ^e	.281	.082	.47448	.118	4.748	1	29	.038

4- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO

O objetivo de este estudo incidiu na exploração da percepção da perpetuação dos estilos parentais e nas variáveis que poderiam contribuir para a explicação da percepção de essa perpetuação.

Iniciou-se a investigação avaliando a influência que a *ansiedade*, a *depressão* e o *stress* exercem sobre a percepção da perpetuação dos estilos parentais. Na amostra utilizada neste estudo, os estilos emocionais não parecem ser úteis para explicar a variância estatística da percepção da perpetuação dos estilos parentais.

Posteriormente, avaliou-se a influência das memórias de infância na percepção da perpetuação dos estilos parentais. Os resultados obtidos mostram que, na nossa cultura, o estilo de vinculação *negligente*, presente nas memórias de infância, não permite fazer qualquer tipo de previsão no sentido da perpetuação dos estilos parentais. Também se pode concluir, através dos resultados encontrados, que na relação do indivíduo com a figura de vinculação materna, o importante é o cuidado. Se nos debruçarmos sobre os resultados relativos à figura paterna de vinculação, concluímos que na relação do indivíduo com esta figura, a mesma parece ser de importância através do controlo que exerce e, sobretudo, tendo em conta se nessa relação de controlo era veiculada informação sobre o afeto ou não.

Finalmente, avaliou-se a influência do *coping religioso* na percepção da perpetuação dos estilos parentais.

A percepção da perpetuação dos estilos parentais pode ser abordada de várias formas. Quando a abordamos utilizando todas as escalas do EMBU e EMBU-P, apenas os dados relativos à figura materna parecem ser úteis para ajudar a explicar a variância da percepção da perpetuação absoluta dos estilos parentais.

Esses dados refletem, na sua generalidade, por um lado, um *coping religioso espiritual positivo* que inclui uma transformação pessoal, seja ela uma modificação interna do próprio indivíduo que o pratica e/ou uma modificação externa na sua vida. A modificação externa pode incluir modificações de direção, objetivos e/ou circunstâncias pessoais de vida, enquanto que a modificação interna pode ocorrer como consequência de uma revisão das próprias atitudes e, posteriormente, da realização de comportamentos que estejam mais de acordo com as leis de Deus e/ou com os preceitos religioso-espirituais nos quais o indivíduo se insere ou com as posições morais que crê serem melhores que as atuais. Uma outra alternativa é a mudança de comportamento no sentido de uma visão mais positiva da vida, encarando as circunstâncias e consequências também de um ponto de vista mais positivo que altera a sua perspetiva de si, dos

outros e/ou do mundo, trazendo uma transformação. Ou seja, a pessoa modifica-se e/ou modifica a sua vida, realizando um determinado coping religioso e espiritual, com o objetivo da transformação ou a mesma acontece como consequência da sua prática (Panzini, 2004).

Por outro lado, também reflete práticas de coping religioso espiritual no qual a pessoa pede ou simplesmente espera que Deus tome o controle da situação e se responsabilize por resolvê-la, sem a sua participação individual (Panzini, 2004).

Assim, concluímos que, na relação do indivíduo com a figura materna, as estratégias de posicionamento de espera passiva por Deus para que Ele controle a situação stressora e as estratégias de busca na religião e espiritualidade por uma mudança de perspectiva, direção e de redefinição da mesma situação são úteis para explicar a variância da percepção de perpetuação absoluta dos estilos parentais.

Relativamente aos resultados obtidos, ao debruçarmo-nos sobre a percepção da perpetuação a dois fatores (suporte emocional e superproteção; rejeição e superproteção) vemos que, na relação do indivíduo com a figura materna, a variância na percepção da perpetuação dos estilos parentais é melhor explicada por um *coping religioso espiritual positivo* que inclui uma transformação pessoal, seja ela uma modificação interna do próprio indivíduo que o pratica e/ou uma modificação externa na sua vida.

Por outro lado, quando abordamos a relação com a figura paterna, surge um leque mais amplo de práticas de coping religioso. Primeiramente, surge como fator explicativo, à semelhança do que acontece na relação com a figura materna, o *coping religioso espiritual positivo* que inclui uma transformação pessoal, seja ela uma modificação interna do próprio indivíduo que o pratica e/ou uma modificação externa na sua vida.

Em segundo lugar, surge, como fator explicativo, a reavaliação negativa do significado da situação stressora como um ato e/ou consequência do Mal ou como uma punição aos atos do próprio, estilo de vida, pecados, etc. O Mal, aqui, pode ser associado a um ser personalizado como o diabo, o demónio, satanás, ou a uma figura abstrata, como a escuridão, as trevas, o lado negro ou o Mal em si. A razão para a situação stressante ser compreendida como uma punição pessoal ou como resultado de algo malévolos (Panzini, 2004).

Em terceiro lugar, surge também como fator explicativo desta variância, um coping religioso espiritual que se movimenta no sentido de uma aproximação com o institucional, com os locais, membros ou representantes religiosos (Panzini, 2004).

Por último, é apresentado como fator útil para a explicação desta variância mencionada anteriormente uma mudança de perspectiva pessoal relativamente à situação, na qual a pessoa se

afasta do problema ou da situação de stress que vivencia, aproximando-se de Deus, da religião ou da espiritualidade (Panzini, 2004).

Quando olhamos mais especificamente para a percepção da perpetuação de cada fator dos estilos parentais, apercebemo-nos de que os fatores do coping religioso são melhores preditores na explicação da perpetuação da rejeição, veiculada maioritariamente na relação com a figura paterna.

Assim, os fatores que contribuem para esta explicação refletem um *coping religioso espiritual positivo* que inclui uma transformação pessoal, uma mudança de perspetiva pessoal em relação à situação, na qual a pessoa se afasta do problema aproximando-se de Deus e/ou das questões religiosas/espirituais, um *coping religioso espiritual* no qual a pessoa pede ou simplesmente espera que Deus tome o controlo da situação e se responsabilize por resolvê-la, sem a sua participação individual e um coping religioso espiritual no qual a pessoa entende a situação stressante como uma punição pessoal ou como resultado de algo malévolo (Panzini, 2004).

O único fator que explica a percepção da perpetuação da rejeição, na relação do indivíduo com a figura materna, reflete a presença de estratégias de espera passiva por Deus e para que seja Ele a controlar a situação (Panzini, 2004).

Um esforço para prover apoio e conforto espiritual a outros, ajudando-os, bem como uma procura por conforto e renovação de confiança através do amor e cuidado dos membros frequentadores e trabalhadores da instituição religiosa frequentada são práticas úteis que ajudam a explicar a variação da percepção da perpetuação do suporte emocional, veiculado na relação com a figura paterna (Panzini, 2004).

Buscar ajuda na religião para mudar para a paz, os sentimentos existentes de raiva, mágoa e medo associados a uma ofensa e buscar uma nova direção de vida quando a antiga não se mostrou mais viável, são igualmente práticas que ajudam a explicar a percepção da perpetuação da superproteção, veiculada na relação com a figura materna (Panzini, 2004).

Concluindo, esta investigação pretendeu demonstrar a importância da família e do bem-estar psicológico no desenvolvimento das crianças. Pretende, também, evidenciar a importância da religião na organização das relações sociais. A percepção da perpetuação dos Estilos Parentais é um tema pouco abordado e com bastante relevância no contexto Clínico, uma vez que pode ser reveladora e contribuir para a estimulação da comunicação familiar e para a resolução de algumas problemáticas relacionais.

Relativamente às limitações desta investigação, a mesma foi realizada com uma amostra reduzida, sendo que uma amostra representativa, daria a possibilidade de obter uma maior convicção e clareza nos resultados. Outra possível limitação da investigação é a extensão dos

instrumentos utilizados que se mostraram ser cansativos de preencher, o que pode ter influenciado a precisão das respostas.

Uma sugestão para investigações futuras seria a replicação deste estudo, mas num formato longitudinal. Outra sugestão que seria interessante explorar é a possibilidade de replicar este estudo, mas com a ausência de uma das figuras de vinculação, seja ela materna ou paterna e perceber se esta ausência contribuiria para explicar a variação da percepção da perpetuação dos estilos parentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 887-907.
- Bayle, F., & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Beit-Hallahmi, B. (2015). *Psychological Perspectives on Religion and Religiosity*. London & New York: Routledge. Paperback, 316 pages.
- Benetti, S. P. D. C., & Balbinotti, M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *PsicoUSF*, 8(2), 103-113.
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*, 16(1), 5-18.
- Canavarro, M. C. (1999). O papel central das relações interpessoais no desenvolvimento humano. *Relações afetivas e saúde mental: uma abordagem ao longo do ciclo da vida*, 241-244.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Dantas, S. (2010). Pilot study: Portuguese adaptation of the RCOPE. In *Psychology & Health* (Vol. 25, pp. 191-192).
- Fritz, A. B. (2012). Associações entre características familiares, estilos parentais de educação e bullying no ambiente escolar.
- Geada, M. (2003). The Role of Parental Bonding Experiences on Coping Abilities Development. 24th International Conference on Stress and Anxiety. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Graffar, M. (1956). Une méthode de classification sociale d'échantillons de la population. *Courrier*, 1956; 6: 455-459.
- Hill, P. C., & Pargament, K. I. (2008). Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental health research.
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da escala de lembranças sobre práticas parentais (EMBU). *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 9(1), 77-85.
- Nogueira, S. C., & Rodrigues, O. M. P. R. (2016). Práticas educativas e indicadores de ansiedade, depressão e estresse maternos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(1).

- Pais-Ribeiro, J. L., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, saúde & doenças*, 5(2), 229-239.
- Panzini, R. G. (2004). Escala de Coping Religioso-Espiritual (Escala CRE). Tradução, adaptação e validação da escala RCOPE, abordando relações com saúde e qualidade de vida. (Doctoral dissertation, Dissertação [mestrado em psicologia]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. 2004. Disponível em: www.hoje.org.br/site/artigos).
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2005). Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. *Psicologia em estudo*, 10(3), 507-516.
- Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 8(14-15), 123-136.
- Teodoro, M. L. M., da Cruz Benetti, S. P., Schwartz, C. B., & Mônico, B. G. (2010). Propriedades psicométricas do Parental Bonding Instrument e associação com funcionamento familiar. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 243-251.